

æ ensaios

***O TURISMO E A
TRANSFORMAÇÃO DE
CIDADES:***

O CASO DE CAMPOS DO JORDÃO - BR E SINTRA - PT

Rui Filipe Duarte, Adriana da Silva Barbosa e Gilda Collet Bruna

O TURISMO E A TRANSFORMAÇÃO DE CIDADES: O CASO DE CAMPOS DO JORDÃO - BR E SINTRA - PT

Rui Filipe Duarte^a, Adriana da Silva Barbosa^b e Gilda Collet Bruna^c

Este artigo reflete pesquisa que analisa duas cidades as quais apesar de apresentarem contextos históricos distintos possuem semelhanças no processo de transformação do território, decorrente da atividade turística. Têm-se Campos do Jordão, associada ao turismo sazonal, o qual se formou sob uma “falsa” identidade - pois a cidade se estruturou em torno de sanatórios - visando a atração turística e, em contraponto, o exemplo português da vila de Sintra, com uma paisagem cultural, que formada em sucessivos períodos da história de Portugal herda uma cultura e identidade próprias.

Palavras chave: evolução urbana, turismo

This paper analyzes two cities, which, although to present distinct historical contexts, have similarities in the process of transformation of the territory, decurrent of the tourist activity. Campos do Jordão, associated with the sazonal tourism and formed under an “false” identity - therefore the city was structuralized around sanatoriums - aiming at the tourist attraction, and in counterpoint, the Portuguese example of Sintra, with a cultural landscape, that formed in successive periods of the history of Portugal inherits a proper culture and identity.

Key words: urban evolution, tourism

O TURISMO E A TRANSFORMAÇÃO DE CIDADES:

O CASO DE CAMPOS DO JORDÃO - BR E SINTRA - PT

1 - A Cidade de Campos do Jordão - BR

Para entender o processo de formação do espaço urbano de Campos do Jordão, torna-se importante compreender a influência da actividade da cura em contraposição com a actividade turística, visto que o município era composto de sanatórios e pensões voltadas para o atendimento de tísicos, e ao mesmo tempo, por hotéis e pousadas para turistas. Uma situação que acabou por criar duas cidades com cenários divergentes, que por muitos anos conviveram lado a lado. Mas, devido a mudanças na forma de tratar a tuberculose, a cidade entrou num processo de transição da imagem de cidade "enferma" para "estância turística".

Os primeiros serviços voltados exclusivamente para os tísicos aconteceram primeiro no Rio de Janeiro e São Paulo¹, mas depois, com a descoberta da climatoterapia, a cidade de Campos do Jordão

¹ As atividades filantrópicas mais significativas ocorreram através da Liga Brasileira contra a Tuberculose, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, havia a Associação Paulista de Sanatórios Populares para Tuberculosos, depois a Liga Paulista contra a Tuberculose, além de associações criadas pela elite médica e intelectual (ANTUNES, 2000).

(região de clima frio e seco, com altos índices de irradiação solar) tornou-se o principal centro de tratamento da tuberculose. Pessoas de todas as partes do Brasil passaram a procurar Campos do Jordão como um lugar de refúgio e de esperança de cura². Deste modo, entre 1800 e 1930, as actividades de tratamento de saúde foram o principal factor de formação e de transformação do espaço urbano³.

Antes dos tratamentos de saúde, a região era ocupada por grandes fazendas de criação de gado⁴, pelo facto do clima também ser favorável a esta actividade. Os primeiros proprietários acabaram sendo responsáveis pela formação dos três principais núcleos urbanos – as Vilas de Albernéssia, Jaguaribe e Capivari⁵ - com influência da construção do caminho de ferro que ligava Campos do Jordão à cidade vizinha, Pindamonhangaba. Assim a cidade caracterizou-se por estas três vilas.

Até à década de 1940, a imagem da cidade ainda não era favorável para o turismo. Mesmo assim, os relatos feitos nos livros de romance como “A cidade enferma”, escrito em 1922 por Paulo Dantas mostram que é possível determinar três tipos de visitantes. Os doentes, os camponeses e os turistas. Cada um possuía

² Nas décadas de 1930 e 1940, mais de 10% dos óbitos no Estado de São Paulo eram devidos à tuberculose e não havia leitos para esses doentes. Mas o governador do Estado, Dr. Adhemar de Barros (1947-1951), deixou o Estado com cerca de 800 leitos para esse fim e, em seu segundo governo acrescentou mais 9 mil. Fonte: <http://www.adhemar.debarros.nom.br/início.htm>.

³ Os tuberculosos puderam contar com uma cidade totalmente estruturada com casas de saúde, sanatórios e pensões. Também asilos, hospitais e diversas pensões recebiam os doentes mais abastados do Rio de Janeiro e São Paulo, além do aluguel de inúmeras residências (ANTUNES, 2000).

⁴ A região onde se encontra a cidade foi primeiramente ocupada por Manoel Antônio Francisco Pimentel que abandonou as terras por não resistir ao rigoroso frio e voltou a Portugal.

⁵ Em 1915 a região se caracterizava pela Vila de São Matheus do Imbiri, também conhecida como Vila Velha, que mais tarde passou a ser chamada de Vila Jaguaribe; a Vila Emílio Ribas, que foi planejada como uma vila sanitária passou a se denominar Vila Capivari; e a Vila Nova que posteriormente veio a se denominar Vila Albernéssia.

expectativas de acordo com a finalidade da sua viagem. Para os doentes era uma questão de vida ou de morte; para os camponeses era mais uma viagem de rotina a caminho de casa; e para os turistas era um momento de lazer e descanso.

Com a descoberta de novas alternativas de tratamento para a tuberculose, Campos do Jordão, já elevada à categoria de município, viu diminuir as actividades das clínicas, dando espaço ao turismo, com a construção de hotéis e melhorias urbanas (CEPEU-FAUUSP, 1960). Também o governador do Estado implantou um zoneamento na cidade, no qual isolava as actividades sanatoriais, o que acabou dividindo a cidade em duas zonas: as Vilas Jaguaribe e Capivari para os turistas e a Vila Albernéssia para os sanatórios.

Entre 1940 e 1970 o turismo de Inverno consolida-se e, assim, grandes empreendimentos hoteleiros são construídos. O Grande Hotel, actual hotel-escola SENAC, determinou a partir dos anos 40, o alto padrão da hotelaria em Campos do Jordão (BARBOSA, 1998).

Também, para prolongar a permanência dos turistas na cidade, alguns atractivos naturais e culturais começaram a ser divulgados⁶. Primeiro vieram os jogos com casinos instalados dentro de hotéis de luxo e depois, com a proibição dos jogos de azar no Brasil, o

⁶ Os de maior destaque são os seguintes: o Pico do Itapeva situado a 2030 metros de altitude, com uma vista panorâmica de todas as cidades do Vale do Paraíba; o Pico do Imbiri situado a 1950 metros de altitude; a Gruta do Crioulo, uma enorme pedra, com diâmetro aproximado de 30 metros, em meio à natureza; Umuarama, um local com belíssimos panoramas tendo o hotel com o mesmo nome; o Horto Florestal, antiga Fazenda da Guarda situada numa área preservada com várias fontes minerais; a Pedra do Baú a 200 metros de altitude com vista para o vale e inúmeras cidades do vale; e as fontes Marisa, Simão, Renato, Nossa Senhora das Graças (CEPEU-FAUUSP, 1960).

estilo arquitectónico diferenciado e os serviços especializados passam a ser o principal atractivo turístico.

A arquitectura utilizada nas residências, no comércio e nos hotéis começou a chamar a atenção dos turistas. Os hotéis Toriba e Vila Inglesa construídos nos anos de 1940 adoptaram uma arquitectura típica de chalés encontrados nos Alpes Suíços. Depois, em 1985, o Boulevard Genève é construído na Vila Capivari, inspirado num prédio na cidade de Gotemburgo, Alemanha, utilizando a técnica de Chaiméll⁷.

Assim a cidade foi estabelecendo uma arquitectura diferenciada em relação às demais e os turistas passam a ser atraídos não só pela qualidade dos serviços dos principais hotéis, mas também pelo cenário que esta arquitectura europeia proporcionou para a exploração turística.



Fig. 1 Hotel Orotur construído na década de 1940. Fonte: www.orotur.com.br.



Fig. 2 Centro comercial de Vila Capivari. Fonte: Acervo pessoal de Barbosa, Adriana Silva (2005)



Fig. 3 Portal da cidade. Fonte: Acervo pessoal de Barbosa, Adriana Silva (2005).

⁷ Técnica que consiste no travamento das madeiras sem a presença de materiais metálicos, também presente no Estado de Santa Catarina, com telhado no estilo Alpes suíço (FRANKLIN, Sérgio. *Campos do Jordão, a cidade euro-brasileira: descubra de onde vem o charme arquitetônico da cidade*. <http://www.camposdojordao.com.br/noticias12.html>.

Segundo o arquiteto José Roberto Damas Cintra (apud FRANKLIN, 2000), a cidade começou primeiro com a influência da arquitectura portuguesa trazida pelos tropeiros vindos do Vale do Paraíba. Depois recebeu a influência dos estilos arquitectónicos trazidos por famílias acostumadas a viver em climas frios, como a Finlândia e Alemanha. Deste modo a cidade sofre uma mistura de influências europeias em sua arquitectura, criando um estilo próprio. Com isso a arquitectura promoveu a cidade para o turismo, com construções que empregavam técnicas modernas, porém nesse “estilo europeu”.

Longe das áreas turísticas a arquitectura é outra. A improvisação com que são construídas as casas mais populares tem formado um cenário típico dos bairros periféricos dos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro. A ocupação clandestina das áreas de encostas, que pelas leis de protecção ambiental deveriam estar cobertas de florestas, de facto estão sendo ocupadas por favelas e pela extracção ilegal de madeira. Um cenário que não combina com a procura turística, mas que tem feito parte deste processo de transformação das cidades brasileiras.

Agregado a este cenário europeu, alguns eventos turísticos são promovidos como os festivais de Inverno iniciados na década de 1970, realizados com a intenção de promover em Campos do Jordão, programas idênticos aos dos grandes centros turísticos da Europa e Estados Unidos. Tais iniciativas obtiveram rápida repercussão nacional e internacional, fornecendo assim, uma nova identidade para a cidade.

Também a gastronomia estimulou desde então um turismo mais sofisticado em relação às demais estâncias da Serra da Mantiqueira, conforme os padrões compatíveis às exigências da sociedade paulistana. Deste modo, nos anos de 1970 e 1980, a cidade estabiliza-se tendo a actividade turística como sua principal função, baseada num cenário europeu com a sua arquitectura típica e actividades culturais muito diferentes daquelas praticadas nas demais cidades vizinhas.

Em 1980, segundo Oliveira (1991), possuir uma casa de campo passou a ser o símbolo máximo de ascensão social, pois a imagem de “estilo alpino” agregava “valores” ao proprietário, representando seu maior *status* social⁸. A casa de campo associada às qualidades terapêuticas do ar e da água incorporaram a ideia de saúde e de um momento para se recuperar as energias antes de retornar à vida urbana.

Assim, nas décadas de 1980 e 1990, o turista, ao mesmo tempo em que procura o frio da serra, também passa a procurar o conforto urbano e a variedade de serviços. Nesse contexto os condomínios passam a ser construídos compondo um novo cenário urbano para a cidade, tendo como “pano de fundo” as montanhas e as áreas verdes. Mas, esta nova forma de moradia de recreio causou mudança na paisagem local, que deixou a imagem de cidade pequena e com o tempo passou a denotar problemas, como o processo de favelamento de áreas não valorizadas no mercado imobiliário.

⁸ Muito provavelmente a maioria desses proprietários já tem um imóvel em São Paulo, (sua residência), outro no litoral e outro na serra. Assim, a do litoral é para o lazer da família, enquanto que a casa na serra representa seu orgulho e sua mais alta movimentação na escala social (LANCE DA SILVA, 2004).

Nas décadas seguintes, a forma de se fazer turismo mudou mais ainda. Campos do Jordão torna-se num produto comercializável no meio de tantos outros, ainda que melhor estruturado entre todos. Parece que a cidade se tornou uma mercadoria que, com o aumento da exploração turística acabou se adaptando ao perfil do consumidor, como mencionam Arantes, *et al* (2000).

Desta forma, tanto Campos do Jordão, como outras localidades passaram a integrar-se em vários roteiros turísticos que ofereciam vários segmentos para serem escolhidos pelo turista: turismo ecológico, devido às suas reservas florestais como o Horto Florestal, suas trilhas e cachoeiras; turismo de negócios, devido à qualidade de seu complexo hoteleiro, com salas para congressos e feiras; turismo cultural, devido ao sucesso dos festivais de Inverno e apresentações de artistas nacionais e internacionais.

Esse turismo organizou-se muito mais em função de um cenário de “estação de Inverno”, sendo tipicamente sazonal (Junho e Julho), e por isso, muitos dos serviços de lazer e entretenimento também se tornaram de “tempo limitado”. Actualmente, se na temporada de Inverno a cidade precisa do apoio das demais cidades vizinhas, fora desta temporada a ocupação reduz-se a praticamente 20%, muito diferente do que acontecia na década de 1960 em que os casinos garantiam um fluxo permanente de turistas de alto poder aquisitivo durante todo o ano (OLIVEIRA, 1991).

Em 2000, o número de turistas começa a ultrapassar a faixa de um milhão de pessoas, enquanto que a população residente fica ao redor de 44.164 habitantes. Como o turismo passa a atrair população de todas as classes sociais, as construtoras começam a

promover novos empreendimentos, direccionados também para as classes médias.

Nas décadas seguintes, segundo Rezende (2004), a principal procura dos turistas pelos grandes eventos e pela vida nocturna de Vila Capivari passou a caracterizar-se por um certo abandono dos espaços histórico-culturais, em favor da maior valorização do comércio. O desafio passa então, a ser o de manter a cidade com suas características de “Suíça brasileira”, devido à arquitectura de suas edificações e também por ser uma cidade hospitaleira. Estas considerações permitem que se identifiquem os efeitos da actividade turística na cidade.

Neste sentido, observou-se que Campos do Jordão passou por uma fase de descoberta do destino turístico e desenvolveu e explorou tal atractivo; mas com a massificação do turismo e também por este ser sazonal começa a haver uma fase de saturação dessa actividade, o que resultou na diminuição da qualidade do espaço urbano (IGNARRA, 2003)⁹ e em decorrência, o aumento da concentração de pessoas acabou por provocar danos ambientais, devido à insuficiência de infra-estrutura urbana para atender a todas as solicitações¹⁰.

Encontra-se, porém, áreas com melhor estruturação urbana, naqueles pontos de maior interesse turístico, o que acabou valorizando os terrenos a sua volta, estimulando os proprietários a

⁹ Isto é o que Ignarra (2003) denomina de “ciclo de vida de uma destinação turística”, no qual um lugar ou cidade passa por fases de investimento, exploração, desenvolvimento, consolidação e estagnação.

¹⁰ Segundo Ignarra (2003), há estudos para se determinar a capacidade de carga de uma destinação turística, ou seja, determinar qual é o número máximo de visitantes por período de tempo que uma determinada área pode suportar, sem que ocorram alterações no meio natural e cultural. Nota-se que esta capacidade de carga está relacionada com a infra-estrutura urbana básica. Assim o turismo obriga as cidades a terem uma infra-estrutura extra, o que não é possível na maioria delas.

venderem as suas propriedades e procurarem localidades mais periféricas para viver (FONTELES, 2004).

No entanto, factores externos também podem modificar essas características, como ocorreu em 2005. Talvez seja devido ao facto de a cidade se basear num cenário típico de Inverno, que a procura turística se mostrou frágil. Com a baixa cotação do dólar em relação ao real, muitos paulistanos voltaram a gozar férias no exterior. Lugares como Bariloche na Argentina no hemisfério sul, principalmente dentro de um cenário autêntico de Inverno, ganharam cerca de 15 mil turistas brasileiros em 2004 e, em 2005, a previsão era para 21 mil turistas. Esses dados mostram que há dificuldades de se prever um movimento turístico e de alcançar determinados nichos de mercado, com a oferta de determinados roteiros.

Mas, sob outro ângulo, Campos do Jordão denota qualidades favoráveis a um mercado turístico diversificado, que tem desempenhado nos últimos anos, o papel de uma cidade estruturadora das actividades comerciais, de serviços e de entretenimentos na região da Serra da Mantiqueira. Facto que se deve muito à concentração dos melhores hotéis e restaurantes da região serrana, serviços especializados e eventos diferenciados (MONTEIRO, 2000; 2002; DUARTE, 2001; AZEVEDO, 2003).

Deste modo, no exemplo de Campos do Jordão, conclui-se que o turismo pode trazer, por um lado, benefícios económicos para a cidade e, por outro lado, problemas ambientais e sociais, caso não esteja preparada para o aumento da procura turística.

2 - A Cidade de Sintra- PT

A formação da paisagem de Sintra revela uma constante ocupação humana que acabou formando um território com características próprias, favorecendo a exploração turística.

Tal ambiente, composto pelo litoral e serra, constituiu-se por edificações como palácios, conventos, igrejas, capelas, casas senhoriais, palacetes, quintas e chalés; e por áreas naturais como hortos, bosques e parques. Portanto Sintra não se caracteriza por um único estilo arquitectónico ou tempo cultural, mas pela comunhão de várias ocupações humanas que acabou por formar uma exclusiva identidade histórico-cultural.

A formação da cidade remonta a uma ocupação milenar, embora a procura turística pareça ter se iniciado no século XV, quando se torna num local da cortesia portuguesa, motivado pela presença de uma aristocracia que construiu solares e quintas.

No século XVI, um terramoto causou sérios danos à Vila de Sintra, mas no século XVIII algumas edificações foram restauradas. O século XVI foi de facto, para Sintra, um período de florescimento e centro de decisão do poder estabelecido.

Durante o terceiro quartel do século XVIII e praticamente todo o século XIX é o espírito romântico dos viajantes estrangeiros e da aristocracia portuguesa que redescobrem a magia de Sintra e dos seus lugares, mas sobretudo o exotismo da sua paisagem e do seu clima.

Personalidades importantes da aristocracia portuguesa, como a princesa D. Carlota Joaquina, mulher do regente D. João, compra, no início do século XIX, a Quinta e o Palácio do Ramalhão. Assim, o século XVIII é marcado pela ocupação de magnatas estrangeiros que compram os inúmeros palácios, palacetes e chalés.

Além dos vários estilos arquitectónicos deixados pela ocupação moura e pelo renascentismo, outro empreendimento artístico é acrescentado na paisagem de Sintra, através do romantismo português. Ainda no século XVIII, o Palácio da Pena tem sua obra iniciada por vontade do Rei-consorte D. Fernando II, marido da rainha D. Maria II. O palácio é fruto das ruínas de um velho mosteiro do século XVI. Tal edificação serviu até o final do século XVIII, como estância de veraneio da Corte.

No século XIX, em 1887, é inaugurado o caminho férreo que liga a Vila de Sintra a Lisboa, o qual facilitou posteriormente, a chegada de turistas e a expansão em termos urbanísticos. Também Sintra com a sua paisagem romântica atraiu muitos artistas, como músicos, pintores, poetas e escritores que vieram em busca de inspiração para suas obras.

No século XX Sintra evidencia-se como um reconhecido lugar de veraneio, ocupada pela segunda residência de aristocratas e milionários. Assim, novos estilos arquitectónicos são construídos por uma elite, visando o lazer e o descanso. O milionário Carvalho Monteiro construiu um luxuoso palacete (Quinta da Regaleira) com uma arquitectura neo-manuelina, considerado um exemplo de revivalismo português.

Nas primeiras décadas do século XX, com a facilidade de acessos à vila, a procura turística não se restringiu à elite portuguesa, mas a um turismo de massa composto por turistas de todas as classes sociais.

Constituindo o turismo de massas uma ameaça à preservação cultural e arquitectónica de Sintra, instituições são criadas com o objectivo de estudar e proteger o seu vasto património, como o Instituto Histórico de Sintra. Assim é desenvolvida na região, uma política direccionada para investigar, estudar e divulgar os aspectos históricos e culturais, valorizando o lugar para o mercado turístico.

Nos anos de 1960, o litoral de Sintra - fora da área classificada como Património Mundial pela UNESCO (1986) - transforma-se numa zona privilegiada para as segundas residências, com exemplos de uma arquitectura de veraneio. Uma tipologia peculiar de “Casa Portuguesa”, com projectos de arquitectos da primeira metade do século XX.

Em decorrência de uma acelerada expansão urbana, uma anarquia urbanística se inicia na década de 1980 em direcção oposta a serra. Para defender a Vila de futuras descaracterizações arquitectónicas, no século XX, as autoridades locais tomaram algumas medidas. O Plano de De Groer (1949) foi respeitado e contribuiu para a preservação do património de Sintra; foram estabelecidas Áreas de Paisagem Protegida de Sintra-Cascais, actualmente Parque Natural de Sintra-Cascais, no qual se inclui a protecção de toda a área serrana; também serviços e gabinetes são implantados especialmente voltados para a preservação e restauro do património histórico e natural.

Assim, o Plano acabou por constituir o maior foco de concentração nas potencialidades do turismo histórico-cultural, sendo esse o seu maior recurso e o que lhe confere um desempenho no contexto do aglomerado urbano em que se insere.

Incluído no triângulo turístico de Lisboa-Sintra-Cascais, o concelho de Sintra ocupa hoje uma extensão de 320Km², com uma população residente de cerca de 363000 e no Centro Histórico apenas cerca de 25000 habitantes (Censos, INE, 2001).

Sintra deve afirmar-se ao nível do Turismo Cultural. A capacidade de atracção de um destino é tanto maior quando associada a motivações complementares e sendo que na matriz promocional da Região de Lisboa nenhum destino é claramente assumido como destino de Turismo Cultural (Monteiro, 2005).

Além disso, o Turismo Cultural potencia o desenvolvimento sustentável das regiões turísticas, na medida em que promove a valorização e conservação do património e do ambiente, ao mesmo tempo que dinamiza as tradições e fomenta a criação de espaços das mais variadas formas de expressões culturais (Monteiro, 2005).

Actualmente, Sintra caracteriza-se por uma paisagem que concilia património arquitectónico com património natural e actividades culturais. E, deste modo, tais actividades promovem a permanência do turista que deseja interagir com as manifestações artísticas locais promovendo o desenvolvimento sustentável e favorecendo outros segmentos do mercado turístico: o turismo religioso, o turismo de negócios, e o turismo voltado para as áreas naturais.

3 - Pontos de Comparação

Nota-se que ambas as cidades, possuem condições climatéricas únicas e, portanto, favoráveis ao turismo e a construção da segunda residência. Também se por um lado o turismo favoreceu a preservação de uma zona de baixa densidade e com excelente qualidade ambiental, por outro lado abrigou zonas de habitação densa, caracterizada por subúrbios (Rio de Mouro, Queluz e Cacém próximo de Lisboa) e habitações clandestinas (bairros como Vila de S^{to} António e do Britador em Campos do Jordão). Em ambos os casos, não há nada de histórico e nada de belo em suas paisagens, mas é um reflexo da expansão urbana ocupada pela população residente, atraídos pela promessa de emprego e melhores condições de vida.

Outro ponto de comparação, são as actividades culturais que visam a busca de novos públicos e a permanência do turista. Tais iniciativas dinamizaram o comércio e os serviços locais, o que trouxe muitos benefícios à região.

4 - Análise e discussão

Das considerações acima, observa-se que o turismo nas cidades de Campos do Jordão, Br e de Sintra, Pt, recebeu forte impulso turístico ao abrigar as segundas residências das famílias abonadas. Situadas em pontos pitorescos de características físico-geográficas distintas, em ambas as cidades se valorizaram as peculiaridades de seu meio natural com suas matas, serras e outros elementos como clima e distância das principais aglomerações urbanas, de modo a

tornar essas cidades (Campos do Jordão e Sintra) pontos especiais de turismo nos respectivos países.

Desde os principais momentos da história da fundação dessas cidades o turismo veio se despontando lentamente como uma actividade importante, de modo que, actualmente, pode ser considerado o “principal negócio” desses centros urbanos. Por um lado ocorre uma valorização das respectivas histórias locais e de programas governamentais que vieram estimular, por exemplo, o turismo de Inverno em Campos do Jordão e o turismo de veraneio em Sintra. As cidades tornam-se assim pólos de atracção turística que constantemente recebem um grande número de pessoas.

A identidade de Sintra resultou da vivência do espaço que contém, com o qual o Homem habitando-o, se identificou. O uso do lugar é assim, o seu próprio sustentáculo.

A identidade de Sintra, é constituída pela relação e articulação dos sítios entre si, com a qual se define uma estrutura de orientação e a configuração do espaço (2001).

Se por um lado essa actividade se destacou também por gerar empregos (e trabalho) para a população local, por outro lado começou a enfrentar problemas com a saturação das suas possibilidades de receber os novos grupos sociais que também começam a ser atraídos pela “febre turística” de ofertas de “pacotes de viagem” a preços módicos, transformando aquele turismo antes excepcional e ocasional num turismo de massa, de frequência praticamente semanal, envolvendo multidões. Por isso, há necessidade de controlo desse turismo, para preservar, tanto os

monumentos e pontos pitorescos da paisagem, como o próprio património histórico local.

No Brasil os municípios com mais de 20.000 habitantes vêm sendo instados a aprovar ou renovar seu Plano Director, por força do Estatuto da Cidade (Lei Federal 10.257 de 10/07/2001) revendo o zonamento urbano e instituindo programas de controlo do uso e ocupação de seu território. Assim é que, tanto esse turismo urbano como o eco turismo que explore as maravilhas dos recursos naturais locais, ambos merecem serem acompanhados por políticas públicas que permitam usufruir hoje desses recursos, mas também preservá-los para as gerações futuras.

Actualmente e após uma visita da UNESCO a Sintra, esta organização recomendou a criação de uma estrutura independente para a gestão da paisagem cultural de Sintra, classificada como Património da Humanidade, referindo que a ausência de "uma estrutura coerente de gestão" leva a que seja "muito difícil" gerir de forma eficaz aquele património.

Deste modo aconselha que "uma entidade específica (Task Force para Sintra Património da Humanidade) deve ser fundada e financiada" com o objectivo de elaborar um plano de gestão abrangente.

O relatório sublinha também que o Plano Director Municipal (PDM) de Sintra, em vigor desde 1999 e até 2009, "não tem directamente em consideração" a classificação de Sintra como Património da Humanidade, recomendando a sincronização entre o PDM e o plano de gestão assim que um novo PDM entre em vigor, em 2010.

Este estudo considera que "a luta contra a urbanização massiva é certamente a mais difícil questão que os responsáveis pelo Património Mundial de Sintra terão de resolver nos próximos anos".

5 - REFERÊNCIAS

- Abreu, Helena Simões de. (2001) Sintra, os caminhos do silêncio. Lisboa, Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e dos Núcleos Urbanos. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura.
- Arantes, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO; Ermínia. (2002) A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, p.192.
- Azevedo, Silvana. (2003) Delícias de Inverno. Revista Veja São Paulo. São Paulo, SP, ano 36, nº 26, p 12-23, Jun.
- Barbosa, Claudia Ricciuti. (1998) O Grande Hotel: no desenvolvimento turístico de Campos do Jordão. Trabalho apresentado como exigência de Especialização em Administração Hoteleira. Centro de Educação em Turismo e Hotelaria – CET. Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC. Campos do Jordão, SP.
- Duarte, Alessandro Lagos (2005) Montanhas e neve, muita neve. Revista Veja São Paulo. São Paulo, SP, ano 38, nº 25, p. 20-30. Jun.
- Duarte, Alessandro; BIONDI, Pedro (2001) O que há de bom e de novo. Revista Veja São Paulo, SP, ano 34, nº 26, p. 12-24. Jun.
- Franklin, Sérgio (2002) Campos do Jordão, a cidade euro-brasileira. Descubra de onde vem o charme arquitectónico da cidade. Notícia nº 12. Ano. Disponível em: <http://www.camposdojordao.com.br/noticias/noticia12.html>. Acessado em 02 de março de 2006.
- Fonteles, José Osmar. Turismo e Impactos Sócio-ambientais. São Paulo: Aleph.
- Marques, Ana Isabel Figueiredo Marques. (2000) Património cultural e turismo nos planos directores municipais e nos planos de urbanização. Lisboa.
- Monteiro, Lúcia (2000) Cidades Turísticas da Serra da Mantiqueira. Revista Veja São Paulo de 7 de Junho
- Ignarra, Luiz Renato. (2003) Fundamentos do Turismo. 2. ed. Ver. Ampl. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Oliveira, José Oswaldo Soares de Oliveira. A quem interessa a Urbanização clandestina? Estudos sobre Campos do Jordão – São Paulo. Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo. São Carlos, 1991.

- Paiva, Maria Gabriela Nunes da Cruz (2000) Potencialidades das áreas históricas: políticas de revitalização e de reintegração. Lisboa.
- Rezende, Carlos Eduardo Reis (2004) Arte e educação: as possibilidades na exploração de espaços histórico-culturais. Dissertação de mestrado em Educação, Arte e História da Cultura apresentada a Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo.
- Silva, Maria da Glória Lanci da. (2003) Os Cenários do Lazer: Turismo e Transformação da Paisagem Urbana. Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CPEU-FAUUSP - Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos da Faculdade de Arquitectura da Universidade de São Paulo. Relatório e Pranchas do Planejamento Territorial do Município de Campos do Jordão. São Paulo, 1960.

ANEXOS



Fig. 4 Localização da cidade de Campos do Jordão.

Fonte: Silva, Maria da Glória Lanci da, 2003.

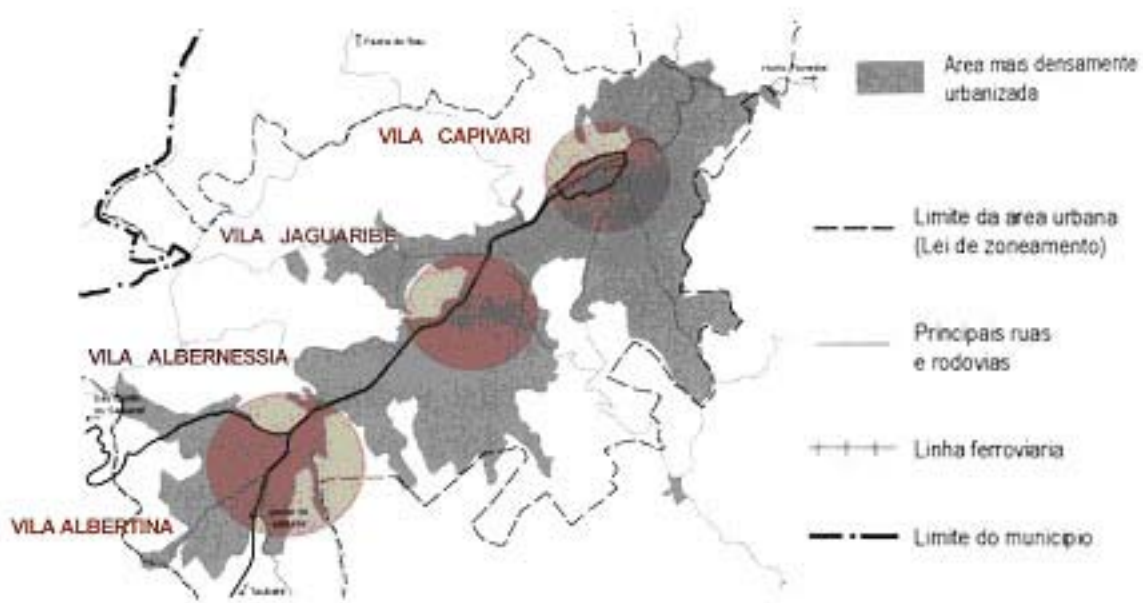


Fig. 5 Município de Campos do Jordão com seus bairros principais.
 Fonte: Silva, Maria da Gloria Lanci da, 2003.

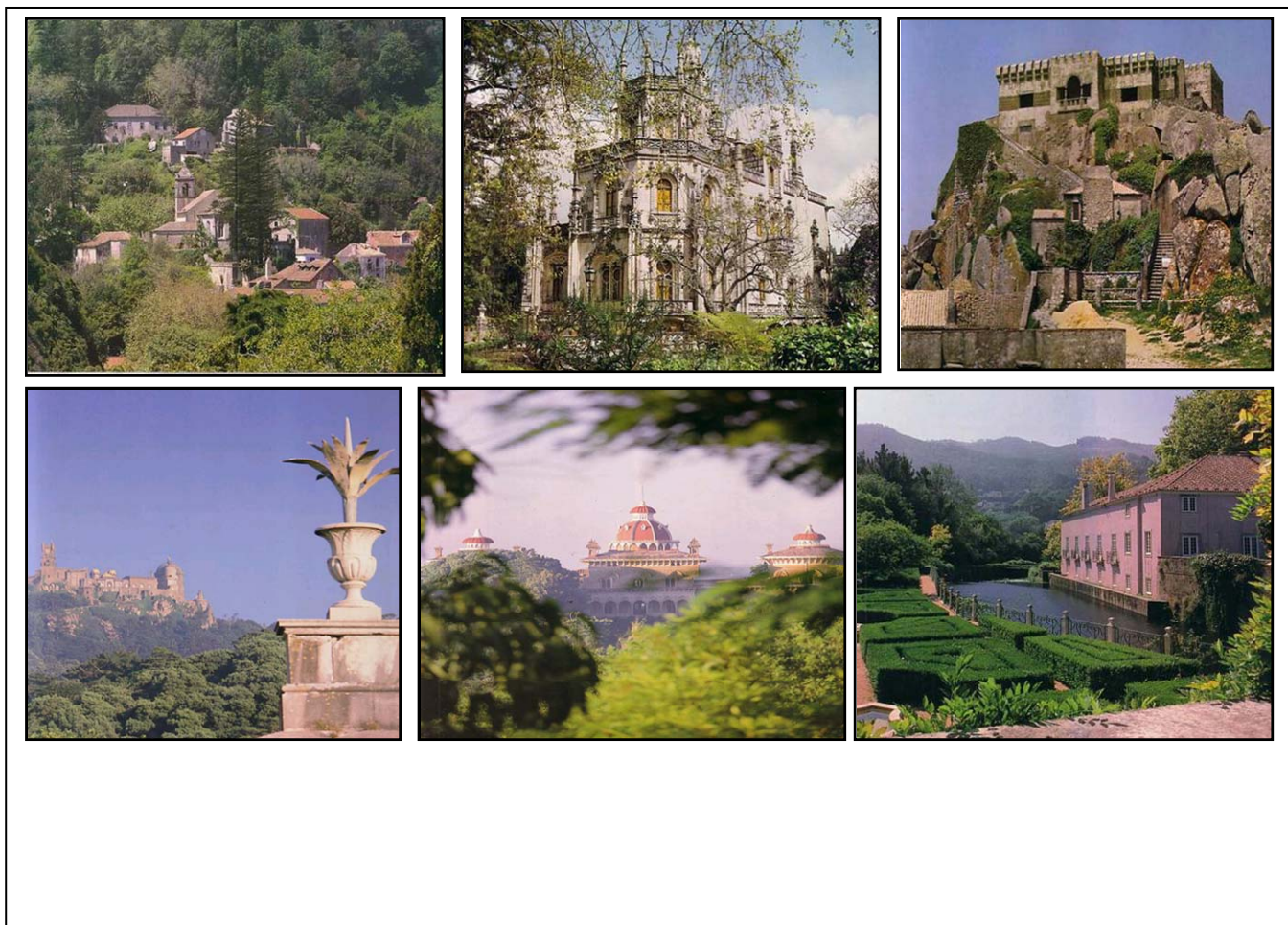
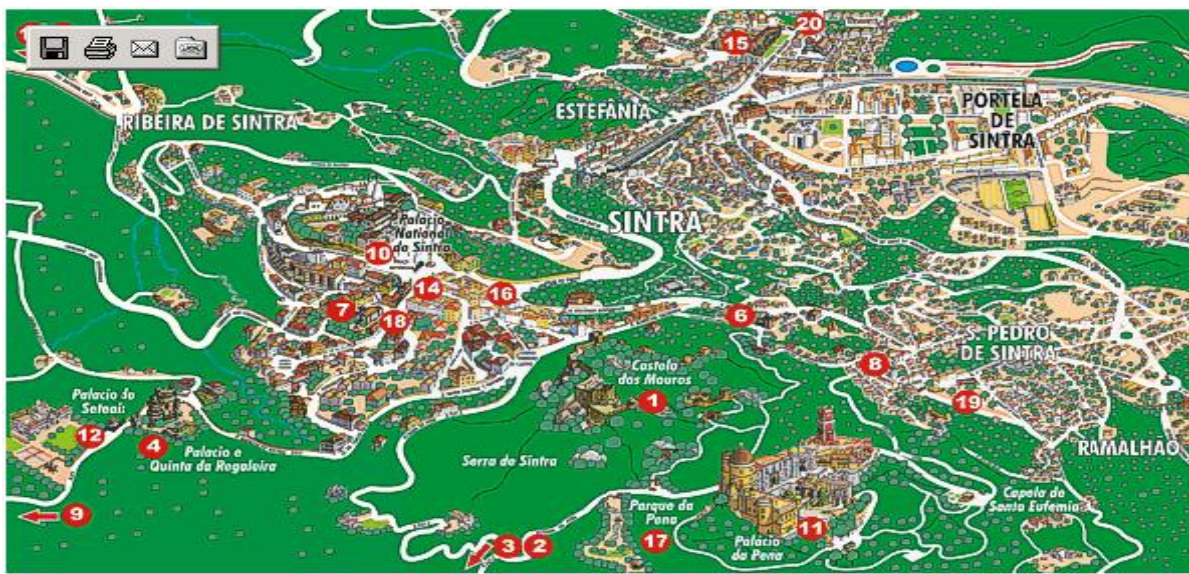


Fig. 6 Paisagens de Sintra - Fonte: <http://www.casa-da-confraria.com>



Turismo

- | | | |
|--|--|---|
| 1 Castelo dos Mouros | 8 Igreja de S. Pedro | 15 Museu de Arte Moderna |
| 2 Convento dos Capuchos | 9 Palácio de Monserrate | 16 Museu do Briquedo |
| 3 Ermida da Peninha | 10 Palácio Nacional | 17 Parque da Pena |
| 4 Quinta da Regaleira | 11 Palácio da Pena | 18 Turismo |
| 5 Igreja de S. Mamede | 12 Palácio de Seteais | 19 Feira de S. Pedro |
| 6 Igreja de S.ª Maria | 13 Museu Arqueológico | 20 Eléctrico |
| 7 Igreja de S. Martinho | 14 Museu Regional | |

Fig. 7 Planta Turística Esquemática, Fonte: Portugal Virtual

SOBRE OS AUTORES

- ^a **Rui Filipe Duarte** - Professor do Instituto Superior Técnico – Engenharia do Território
ruifsd@yahoo.com
- ^b **Adriana da Silva Barbosa** - Mestranda da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. adrianasbarbosa@uol.com.br
- ^c **Gilda Collet Bruna** - Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação (2004,). Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. gilda@mackenzie.com.br